

A Alma do Outro Mundo

Arnaldo H. Cruz (Argentino)

Costumava passar minhas férias em casa de certos parentes que moravam numa cidade, perto de Buenos Aires.

Habitavam êles um enorme casarão que tinha fama de albergar "almas do outro mundo". Em nenhuma de minhas estadas anteriores, havia notado nada que fôsse anormal, exceto a fantasia da gente, que relatava contos terríficos de fatos ocorridos dentro da casa.

Geralmente, não permitia que as sombras da noite me surpreendessem fora, daí o procurar estar de volta, cedo, de meus passeios. Esse dia, eu me havia entretido mais que comumente com meus amigos, que me fizeram notar este fato, perguntando-me se não sentia medo de regressar tão tarde. Isso foi o suficiente para me recordar o imaginário perigo que me espreitava, e, um tanto temeroso, apressei meu regresso. Entrei na casa sem nenhuma novidade digna de menção e, logo, após o jantar, fui deitar-me. Meu apartamento se encontrava separado dos restantes por um amplo corredor.

Cansado de ler, apaguei a luz e tratei de conciliar o sono. Entanto, um estranho desassossego se havia apoderado de mim, incitando-me a amplificar os menores ruídos que chegavam ao aposento. A isso se somava a lembrança dos relatos pouco amáveis que se faziam na casa. Tudo isso se unia para aumentar minha nervosidade e o medo que de mim se estava apoderando. Esse o meu estado de ânimo, quando ouvi que o balde, que se encontrava no bocal do poço, caíra estrepitosamente. Um estranho frio me invadiu a coluna vertebral; tratei de tranquilizar-me e, pondo-me em brios, pensei que o causante havia sido o vento. Procurei novamente dormir, porém, o sono se mostrava esquivo. Morfeu fugia de meu chamado, zombando de minhas súplicas. A tensão nervosa que suportava era enorme, quando, de pronto, ouvi ruídos dentro de um guarda-roupa. O esforço que realizei para não romper em gritos, foi realmente grande, ficando o mais quieto possível. Até a respiração ha-

via cortado, quando senti um descomunal ruído produzido por alguém que arrastava correntes no corredor. Aquilo ultrapassava o que humanamente se podia suportar; sem poder conter-me, saltei da cama como impelido por u'a mola e saí correndo até onde descansavam os meus parentes.

Em minha louca carreira e para aumentar o espanto, dei de frente com um vulto que se movia. Meu couro cabeludo sofreu uma comoção como se tivesse recebido uma descarga elétrica, pondo-me os cabelos em pé. Ao chegar ao ponto que havia tomado por meta, depois de transcorrido longo tempo para serenar-me, vim a saber, por intermédio de meus parentes, o que realmente havia acontecido. O balde havia caído por causa do vento, o ruído do guarda-roupa era produzido por camondongos, o cachorro era autor do arrastamento de correntes e o vulto que se me deparou era um parente que se havia levantado para amarrar o cão.

Este episódio me ensinou a não crer em coisas sobrenaturais.